

Além do fim/Aquém do Estado nação e seus marcos temporais, suas cercas territoriais, e suas práticas genocidas: Tempo contínuo das artes indígenas no território chamado Brasil

organizadora **Marília Librandi** | Princeton University/USP | marilialibrandi@gmail.com

Esse texto articula questões em torno ao tema “Biopolítica, cosmopolítica e ativismo indígenas”. Reune uma série de falas de artistas e pensadores indígenas. As reflexões aqui apresentadas provêm de dois textos publicados em 2022: “Jaider Esbell, Makunaimã Manifesto e a Cosmopolítica da Arte Indígena Contemporânea.”¹; e a entrevista que realizei junto com Daiara Tukano, Denilson Baniwa e Gustavo Caboco, “Nem modernista, nem anti-modernista, a Arte Indígena Contemporânea (e cosmopolítica) na vanguarda de um Brasil que jamais foi moderno.”² As falas indígenas aparecem citadas em itálico. Dividi as questões e temáticas em tópicos entre parênteses.

(des-autoria)

O regime da autoria individual é posto em xeque pelas artes indígenas. Mesmo quando os artistas assinam individualmente, o seu nome está ali para afirmar e assinar junto com o coletivo —incluindo, no sobrenome, o nome da etnia indígena à qual pertencem, de modo a falarem junto com os parentes, a família indígena, que inclui todas as etnias no território, unidas na luta contra o pensamento, as artes e os poderes

brancos não-indígenas, que sempre apagaram com a morte, o esquecimento e o silenciamento as falas e as vidas indígenas e seus territórios.

Outro movimento que vem acontecendo é um movimento duplo e reverso: a autoria indígena desautorizando a autoria brasileira como ocorreu com as críticas feitas ao centenário da Semana de Arte Moderna de 1922 nesse ano de 2022.

A des-autoria indígena também coloca em questão todos que falam pelos indígenas sem serem indígenas —de modo que é preciso achar outros lugares de fala nos estudos acadêmicos, que não os tradicionais da autoria individual, que fala *por* mesmo quando fala *com*. A prática da parceria (de escrever e falar *junto*) é uma estratégia bem-vinda; a outra prática é a fala a partir da escuta.

(lugar de escuta)

Praticar escrever no lugar da escuta, para não apenas reproduzir as falas de outrem, mas tentar deixar que outras falas falem pelo nosso corpo textual. Ocupar o lugar da escuta, des-falarmos, e abrir espaço para que sejam ouvidas as

¹ Librandi, Marília. 2022. “Jaider Esbell, Makunaimã Manifesto e a Cosmopolítica da Arte Indígena Contemporânea.” *Modernismos 1922-2022*. Organizado por Gênese Andrade. São Paulo: Companhia das Letras.

² Link: <https://www.ihu.unisinos.br/618002-nem-modernista-nem-anti-modernista-a-arte-indigena-contemporanea-e-cosmopolitica-na-vanguarda-de-um-brasil-que-jamais-foi-moderno>.

falas e artes indígenas, e revertermos a escrita imperativa em escuta. Ouvir, reverberar, prestar atenção, ...

(escrevivência e véxoa)

Trazer para a teoria o depoimento e o testemunho pessoal de quem escreve teoria³. E seguir uma voz narrativa que sugiro denominar “escrevivência teórica”, termo que homenageia a poética negra da “escrevivência”, expressão da escritora Conceição Evaristo. A escrevivência, diz ela, “não é para adormecer a casa-grande, e sim para acordá-la de sonos injustos.”⁴.

A escrevivência teórica também escuta a sabedoria véxoa, palavra terena que quer dizer “nós sabemos”, e que foi escolhida por Naine Terena como título da primeira exposição com curadoria indígena ocorrida na Pinacoteca do Estado de São Paulo em 2020⁵. Perguntei a Naine o significado de véxoa, e ela respondeu:

...em relação ao nome é muito difícil explicar. (...) quando eu encontrei essa palavra, é uma palavra terena, em alguma coisa escrita, eu falei, é isso : “nós sabemos” porque se nós não soubéssemos, nós não estávamos aqui como estamos hoje. [...] “nós sabemos” a dimensão desse momento, todas as dores, todas as alegrias, e tudo o que o país viveu em 520 anos de colonização. “Nós sabemos” o quanto é difícil sobreviver. E aí não é mais uma questão só para os povos indígenas mas uma questão para todo mundo. A gente passa por momentos difíceis. E “nós sabemos” como ninguém como driblar isso, mas talvez falte alguma coisa ainda nesse “nós sabemos”, que eu achava que os indígenas poderiam trazer para dentro da exposição.⁶

Esse “nós sabemos” reúne, assim, a sabedoria indígena, que diz o que sabe sem dizer, sem anunciar, sem dominar o saber, no sentido de ser proprietário de um saber; é uma sabedoria de quem sofreu “todas as dores”, e de quem vive “todas as alegrias”, o que nos lembra Ailton Krenak, em seu livro *Ideias para adiar o fim do mundo* (2020), e que sintetizo assim: —Vocês estão preocupados com o fim do mundo? Bem, nós vivemos o fim do mundo desde 1500, e sabemos como criar paraquedas coloridos para essa queda...

(AIC – Arte Indígena Contemporânea/ Arte Indígena Cosmopolítica)

A denominação “arte indígena” recobre o nosso modo ocidental de categorizar ações que são múltiplas —curativas, medicinais, ritualísticas, científicas, ecológicas, cosmológicas e também, mas não apenas, artísticas.

Jaider Esbell (1979-2021) foi o proponente principal da AIC, a Arte Indígena Contemporânea, termo que ele cunhou, e que se transformou, nos últimos cinco anos, no movimento que transformou as artes no Brasil, e que responde, re-avalia, e re-antropofagiza o movimento modernista da arte brasileira e a arte europeia.

O que a AIC vem fazendo é mostrar que o que tem de ser alterado, transformado, transsubstanciado, é o adjetivo-selo de propriedade “brasileira”—é um desfazer da autoridade - um desfazer pelas vozes e artes indígenas— que já não são “indígenas” genericamente, mas tem local, nome e etnia, e línguas outras que as línguas portuguesa e brasileira. Re-indianização, que põe em questão os artistas e pensadores modernistas e da antropofagia, ou a sua institucionalização

³ Realizei essa prática no texto “The Canela and I. Making Nets of Translation and Tradition”/ “Os Canela e eu. Tecendo redes de tradução e de tradição” *ReVista : Harvard Review of Latin America*. Volume XIX, Number 3 Cambridge, MA:David Rockefeller Center for Latin American Studies, Harvard University. Spring/Summer 2020, Link: <https://revista.drclas.harvard.edu/canela-and-i/>

⁴ Evaristo, Conceição. “Esse lugar também é nosso.” Entrevista. Por Ana Paula Acauan. Revista PUCRS. Link: <https://www.pucrs.br/revista/esse-lugar-tambem-e-nosso/>

⁵ Véxoa: *Nós Sabemos* Pinacoteca do Estado de São Paulo, ocorrida de outubro de 2020 a março de 2021.

⁶ Terrena, Naine; Pitta, Fernanda, Bairon, Sérgio, Librandi, Marília. “Curadoria e Cura”. 26 de novembro de 2020. [transcrição minha]. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=6tqgGEB_-z0&t=2313s [acesso em 6 nov 2021]

representativa da “cultura brasileira” e das interpretações do Brasil, e dos estudos brasileiros, e das instituições artísticas, e dos manuais educacionais, e da história pátria. Ou as/os artistas-pensadores modernistas e da antropofagia, em 1922, 1924, 1928, e depois, e os de hoje, atuais, são afiliados, parentes, pajés, majés também, *brothers and sisters* da Amerindianidade, ou não. Estamos presenciando uma virada epistêmica, que acentua a diferença entre indígenas e não indígenas, sem eliminar o diálogo entre as partes que manifestem interesses de devires em comum...

(Re-Antropofagia)

A partícula “re” inscreve a re-tomada, o re-torno, e as respostas dessa re-volta. Sua potência foi manifesta na exposição *Re-Antropofagia*, ocorrida no Centro de Artes da Universidade Federal Fluminense, em 2019, com curadoria de Denilson Baniwa e Pedro Gradella. Como disseram no texto curatorial: “*a ReAntropofagia, um Manifesto, um grito de urgências sobre a arte produzida pelos povos originários, quebrando assim séculos de silenciamento e exotização dos que sempre estiveram aqui*”. A exposição é aberta com o que Daniel Dinato chama de “uma tela-documento” de Denilson Baniwa. Nela, se oferta a cabeça de Mario de Andrade para deglutição antropofágica, com um bilhete que avisa: “Aqui jaz o simulacro Macunaíma, jazem juntos a ideia de povo brasileiro e a antropofagia temperada com bordeaux e pax mongólica. Que desta longa digestão renasça Makunaimi e a antropofagia originária que pertence a nós, indígenas”⁷. (Pode-se ler o texto completo em inglês e português aqui: <https://brooklynrail.org/2021/02/criticspage/ReAntropofagia>)

(a semente x a semana)

A AIC não começou como movimento de uma Semana, mas de uma Semente, que Jaider plantou aos pés do Monte Roraima, e se espalhou pelo Brasil e no mundo. Mais do que uma Semana, a AIC é uma Semente, como aquelas plantadas por Denilson Baniwa no espaço que antes era para carros, no estacionamento da Pinacoteca do Estado de São Paulo, e criando um jardim ali, na exposição Véxoa.

Na AIC, a arte indígena torna-se protagonista, tomando posse de lugares (academia, museus, falas), que antes lhes eram vedados ou ocultos ou silenciados, e os não-indígenas tornam-se espectadores e aprendizes das práticas e conceitos ameríndios. O modernismo foi entendido como ação cosmopolita, já a AIC é cosmopolítica, e acontece em estado de emergência climática.

Na expressão cosmopolítica de Jaider Esbell, passa-se da prática da representação para “um estado pleno de identidade cosmo-consciente (...) para compor a grande urgência de sustentar o céu acima de nossas cabeças.”⁸

(artistas-tradutores não expropriadores)

Uma sugestão a considerar é a de re-descrever artistas e autores da tradição nacional, como tradutores e transcriadores, de modo a desautorizar a autoria nacional, e re-situá-los como co-elaboradores e -co-interlocutores de cosmogonias, que se situam além e aquém do Estado nação e seus marcos temporais, suas cercas territoriais, e suas práticas genocidas.

⁷ Cf. análise dessa obra e da exposição: Dinato, D. *ReAntropofagia: a retomada territorial da arte*. Modos. Revista de História da Arte. Campinas, v. 3, n. 3, p.276-284, set. 2019. Disponível em: <https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/mod/article/view/4224>. Goldstein, I. S. Da “representação das sobras” à “reantropofagia”: Povos indígenas e arte contemporânea no Brasil. Modos, v. 3, n. 3, pp. 68-96, set./dez. 2019. Diniz, C. Street fight, vingança e guerra: artistas indígenas para além do “produzir ou morrer”. Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 14, n. 1, pp. 68-88, jan./jul. 2020. Pitta, F. M. A ‘breve história da arte’ e a arte indígena: a gênese de uma nação e sua problemática hoje. Modos: Revista de História da Arte, Campinas, SP, v. 5, n. 3, p. 223-257, 2021. DOI: 10.20396/modos.v5i3.8666380. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/mod/article/view/8666380>.

⁸ Esbell, Jaider. “Arte Indígena Contemporânea e o grande mundo”. In: Revista Select, no. 39. São Paulo, 2018. Disponível no site do artista: <http://www.jaideresbell.com.br/site/2018/06/14/territorios/>. Acesso em 27.10.21

Falou Daiara Tukano na entrevista citada na nota 2 acima:

O Modernismo, a Semana de Arte Moderna, está incomodando a gente faz uns cem anos; antes era o Romantismo mesmo...

A gente está tratando de Antropoceno, de processo de violência colonial; a gente está apontando para a necessidade de uma recuperação no sentido da saúde epistemológica na relação com o mundo, com o universo, com a vida. Esses são os pontos que escapam mais.

(a dívida e a dádiva)

Outro caminho que vem sendo trilhado no campo conceitual é o de marcar a dívida brasileira e acentuar o dom (a dádiva) indígena. A dívida modernista, por exemplo, com as fontes indígenas, que foi uma dádiva para a cultura brasileira, agora está sendo cobrada pelos povos originários como “coisa nossa” —e quem fala por “nós”, finalmente, não somos “nós”... Trata-se de desfazer os nós do “nós” —zerá-los, aumentando a dívida, que é impagável (Denise Ferreira), também ela, ancestral e futurística.

(Ailton Krenak: “O vasto desenho do mundo colonial é feito de conchinhas catadas nas nossas praias”)

Assim Ailton Krenak vem delineando a questão de um modo incisivo e diplomático: em 2021, no lançamento da exposição *Moquém_Surarí: arte indígena contemporânea*, com curadoria de Jaider Esbell, no Museu de Arte Moderna de São Paulo, disse Krenak, em uma de suas falas antológicas por que decisivas:

Tem sido muito discutida a questão da apropriação cultural, mas e a expropriação essencial que se fez para criar mundos e, no caso, para criar um mundo colonial? O vasto

desenho do mundo colonial, ele é feito de conchinhas catadas nas nossas praias para decorar esse maravilhoso painel. (...) Então, nós estamos, na verdade, é reivindicando, pelo menos, a declaração de que a maior parte da produção do que chamam de arte no Ocidente, ela resulta de expropriação de outras culturas, de outros povos, e que a própria construção do edifício que chamam de cultura é uma ruptura com o equilíbrio da vida de povos, não só do continente americano, mas da África, da Ásia, povos que viveram milhares de anos suas viagens poéticas, suas subjetividades, criando mundos (...) Então, existe um saque nisso, que se instituiu como sistema da arte, que precisa ser criticado, que não pode ser estabilizado, e a gente simplesmente entre no século XXI como se fosse o século XIX. (...) Interessante, que no campo dessa arte agora do século XXI, existe uma disposição anunciada para a colaboração. Algumas Bienais já fazem esse movimento colaborativo... Quem sabe se aproximem daquilo que o Eduardo Viveiros chama de perspectivismo ameríndio, o que seria enxergar em várias direções todas as possibilidades de humano (...) Então, quem sabe, a gente esteja também animando esse coro das pessoas que são capazes de estourar a moldura.” (Ailton Krenak⁹)

(Jaider Esbell, 1979-2021)

Jaider Esbell morreu a caminho da aldeia Guarani, do Rio Silveira, em Bertioga, São Paulo, no dia 2 de novembro de 2021¹⁰. Makunaimã —a entidade Pemon, seu avô e do povo Macuxi, que foi transformada em lenda brasileira por Mário de Andrade em 1928, levou de nós o seu neto para viver ao lado da sua avó Bernaldina, na constelação do Monte Roraima...

Conheci Jaider, pessoalmente, no encontro “Poéticas Ameríndias”, no Rio de Janeiro, em junho de 2019. Jaider falava sem intervalos, em um tom de voz aveludado e contínuo. E sua fala nos levava para outros lugares, os lugares de

⁹ Krenak, A. Live apresentação da exposição *Moquém_Surarí: arte indígena contemporânea*, com Ailton Krenak, Jaider Esbell, Pedro Cesarino e Paula Berbert [transcrição minha] <https://www.youtube.com/watch?v=zT5q2zID2Ac&t=4007s> 16 set 2021 [transcrição minha]

¹⁰ Informação transmitida por Cristine Takuá.

um artista xamânico de uma liberdade livre e plena. Ele me disse que tinha saído de todas as estruturas, que tinha trabalhado entre os brancos; que sua educação tinha sido muito conflitada, e que depois da graduação em Geografia, ele tentou fazer mestrado na Universidade, mas não aceitava as diretrizes, e que, então, tinha saído fora dessa estrutura também. Ele me disse: “agora, ao invés de ter de escrever citando os outros, são os universitários que vão escrever me citando”. De personagem secundário e invisível, a protagonista de sua fala e dono de sua voz. Ele também me falou de como ele estava mobilizando as pessoas sem precisar de nenhuma estrutura: “não é preciso nada demais para fazer uma ação, não precisa de nenhuma instituição, basta dizer: a gente se reúne aqui mesmo, em volta dessa árvore, nessa praça, e fazemos a Arte Indígena Contemporânea ou qualquer outro movimento.”

Jaider era movimento puro, pró-ativo, agenciador e artista. E tantas coisas mais. Como disse o fotógrafo Marcelo Camacho, em *post mortem*: “Ele não era um pintor. Ele nem gostava de ser chamado assim. Era um exagero de gente. Em tudo.” Sim, era mesmo, “um exagero de gente”. O que guardei comigo foi a sua livre liberdade plena, a sua auto-determinação, a sua força telúrica, com os pés na terra e a mente a mil, junto com seus traçados coloridos em fundo escuro, criando mil e uma narrativas, que se podem ler em cada uma de suas telas.... Quando chegamos no Instituto Moreira Salles, Jaider espalhou no chão sua arte, “It was Amazon”, uma série-denúncia, acusatória de todos os crimes assaltando a Amazônia¹¹. E depois leu o texto matriz da AIC, que se pode ouvir na sua voz própria voz no link em nota¹².

(redes de alianças afetivas)

Perguntas suscitadas por Paula Berbert:

como as produções dos artistas indígenas contemporâneos e suas circulações pelos sistemas das artes ocidentais podem gerar contextos de escuta ativa e produção de alianças afetivas?

Como desmontar as armadilhas dos extrativismos e da tutela que facilmente se forjam nos encontros interculturais? O que é possível movimentar, criar junto? Poderíamos ser refeitxs como boas/bons aliadxs nos espaços das artes? Como transmutar nossos conhecimentos e ferramentas em linhas maleáveis e resistentes o suficientes para tessituras coletivas de redes de alianças afetivas?¹³

(vivo / humus)

Freud apontou o mal estar da civilização; Jaider morreu deste mal

Na semana da cúpula do clima, em Glasgow, da emergência climática, Jaider se matou.

Essa morte vem como um não a uma ideia de sucesso, como apontou Denilson Baniwa em seu texto¹⁴.

Obrigada, Jaider, disseram centenas de pessoas nas redes sociais.

Agradecemos ao tanto de vida que você nos trouxe como coletivo em um momento de morte, genocídio, epidemia, violência, assassinatos e tantos desflorestamentos...

¹¹ Esbell, J. “It was Amazon”, 2016. As imagens podem ser vistas no site do artista. Link: <http://www.jaideresbell.com.br/site/2016/07/01/it-was-amazon/>

¹² Vídeo “Jaider Esbell lê seu texto “Arte Indígena Contemporânea nas Práticas”. Gravado por Marília Librandi, no evento “Poéticas Ameríndias”, Instituto Moreira Salles, 2019. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=9bOe3fkJQT8&t=21s>

¹³ Berbert, P. *Tecendo redes de alianças afetivas: algumas notas sobre arte indígena contemporânea e práticas curatoriais*. Monografia. Pós-graduação Lato Sensu em Estudos e Práticas Curatoriais. São Paulo, Fundação Armando Álvares Penteado, 2019, p.22. e p.16

¹⁴ Baniwa, Denilson. “A arte em luto”. *Jornalistas Livres*, 06 de novembro de 2021. Link “https://jornalistaslivres.org/a-arte-em-luto/?fbclid=IwAR27CbdmjVj_s9dfBUFEsfVpSN3oBDkRSMwAyWFB-zuQxyRoMh19ujv58PQ

Ainda levaremos tempo para entender e traduzir o acontecimento de sua morte. Sua arte, você nos deixou como presente e recado.

Walter Benjamin se suicidou em 1940 tendo à sua porta dois soldados nazistas prontos para levá-lo para o governo de Vichy, na França, e nós estamos aqui também diante da morte de um artista xamânico, como Jaider Esbell, e que ocorreu durante um governo suicidário das vidas e terras indígenas no Brasil, no maior ataque de destruição, assassinato, armas em punho, minerações, garimpos, e venenos. Se a cultura é ruína, no sentido benjaminiano, podemos dizer que o que chamamos de arte indígena é o humus. Se a ruína é resquício do que morreu, o humus é a terra fervilhante de matérias vivas. Ruína, essa morte também será potência de humus.

(o quântico do Manto Tupinambá)

Vamos nos segurar nessas linhas e em suas aberturas de mundos: "... a gente segura a nossa linha, e a gente deixa a pipa voar. ... A gente vai se encontrar, e percorrer, e vai fazer o vôo mais bonito possível...", disse Glicéria Tupinambá, recriadora e "majé" dos mantos Tupinambá.¹⁵

Refiro-me à deslumbrante exposição *Kwá yapé turusú yuriri assojaba tupinambá /Essa é a grande volta do manto tupinambá*.

Minha linha de pesquisa atual relaciona a re-tomada do manto Tupinambá e o *spacetime mattering* formulado por Karen Barad como responsabilidade com os mortos vítimas dos apagamentos e com os futuros ancestrais¹⁶.

Nas linhas das pinturas-traços de Jaider, há centenas de narrativas ali, basta seguirmos com olhar e vermos tanta história narrada na suas

telas, baseadas em transformação, uma coisa que vira outra, que vira outra, até o além, além daqui, além de nós, além da linha, além do fim. //

¹⁵ A frase de Glicéria Tupinambá foi dita na *live* de lançamento da exposição em 14 de outubro de 2021, transcrição minha. Pode-se consultar o catálogo nesse link <https://www.yumpu.com/en/document/read/65935132/catalogo-kwa-yepe-turusu-yuriri-assojaba-tupinamba> Sobre o manto Tupinambá ver o bellissimo poema "A volta do sol", de Edimilson de Almeida Pereira. Revista Piauí, Edição 157, Outubro 2019, Link <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-manto-tupinamba-e-um-ninho-na-escuridao-do-mundo/>

¹⁶ Librandi, Marília, "O quântico do manto tupinambá. Aula pública, UFBA, link: <https://www.youtube.com/watch?v=zKDDVkcsp1g>